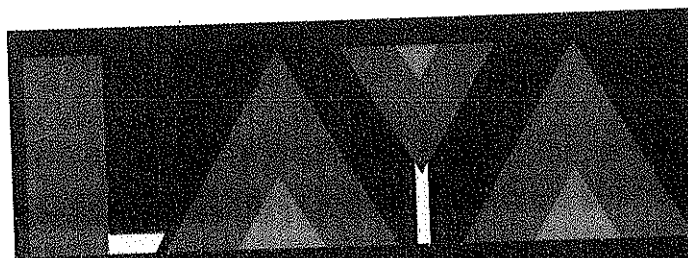




M^o Isabel del Val Valdivieso
(coord.)

**MONASTERIOS Y RECURSOS
HÍDRICOS EN LA EDAD MEDIA**



MONASTERIOS Y RECURSOS HÍDRICOS EN LA EDAD MEDIA

Colección LAYA n° 40
Directora: Cristina Segura Graiño

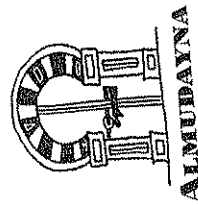
SECRETARIOS

Santiago Muriel Hernández
Eduardo Jiménez Rayado
Ignacio Sánchez Ayuso

CONSEJO ASESOR

Iñaki Bazán Díaz (Universidad del País Vasco)
Juan A. Bonachía Hermando (Universidad de Valladolid)
Martine Charageat (Universidad de Burdeos 3)
Antonio Collantes de Terán Sánchez (Universidad de Sevilla)
María Jesús Fuente Pérez (Universidad Carlos III)
Raquel García Arancón (Universidad de Navarra)
Francisco García Fitz (Universidad de Extremadura)
María del Carmen García Herrero (Universidad de Zaragoza)
Enric Guinot Rodríguez (Universidad de Valencia)
Antonio Malpica Cuello (Universidad de Granada)
Christine Mazzoli-Guintard (Universidad de Nantes)
José M. Miura Andrades (Universidad Pablo Olavide)
José M. Monsalvo Antón (Universidad de Salamanca)
Rafael G. Peinado Santaella (Universidad de Granada)
Mary Elizabeth Perry (Universidad de Cantabria)
Jesús A. Solórzano Telechea (Universidad de Valladolid)
María Isabel del Val Valdivieso (Universidad de Valladolid)

M^a ISABEL DEL VAL VALDIVIESO
Coordinadora



A ÁGUA, O MOSTEIRO DE SANTO TIRSO E A LEVADA DE PEREIRAS

Isabel VAZ DE FREITAS

João Paulo MACHADO DA SILVA

Universidade Portucalense Infante dom Henrique

Pensar na água inserida numa paisagem permite-nos caminhar pelo imaginário do homem no seu tempo e no seu espaço, na sua envolvente social e cultural, mas também nos domínios económicos e legais onde a posse de um património tão precioso como a água alcança patamares de tão alto interesse.

A água no imaginário e no quotidiano do homem na História é ainda um tema em vias de exploração que merece a maior atenção que dada a importância deste elemento como mentor de uma cultura é se coloca de forma naturalista na mentalidade e nas crenças. A água é um elemento da natureza, que, como tantos outros, domina a cultura material e imaterial.

As referências a este bem natural chegaram até nós pela documentação escrita e iconográfica, pelas fontes da arquitetura, da pintura, da literatura, e por tantos outros contextos documentais nos quais assume uma simbologia que domina o homem. É fonte da vida, elemento vital à sobrevivência, elemento primordial e originário de todas as coisas, o elemento que brota do interior da terra-mãe, é fonte da juventude que rejuvenesce o homem e a sua mente.

Assume-se como purificadora e, como tal, penetra na religião como constituinte dominante da vida e da alma e como elemento de saúde pública que refresca e alimenta o corpo e o espírito. É também fonte de discórdia e de mal-estar. São frequentes as mortes e a violência surgida em torno das questões da água. Uma duplicidade que

Monasterios y recursos hídricos en la Edad Media (2013), M^o Isabel del Val Vaidivieso (coord.), Madrid, A.C. Almadayna, ISBN 978-84-87090-68-4, 163 pp.

A preocupação das comunidades monásticas não se prende apenas com o abastecimento da água das cozinhas. Face às necessidades de subsistência, a água de regas e de transformação de bens de primeira necessidade, entre outras tarefas, ocupam igual lugar no seio das comunidades monásticas. Este cuidado de subsistência obriga as comunidades monásticas a precaverem-se com várias fontes, minas e poços.

Pela leitura de alguns documentos relativos a estas questões, observa-se uma organização muito concreta nas águas e na sua utilização. Dependendo, provavelmente do grau de pureza ou do percurso percorrido, a água tem várias utilizações. A título de exemplo, um documento do século XVIII narra que o mosteiro de Almoester possui várias fontes onde se instalaram dois moinhos, lagares de azeite e azenhas. A descrição da água, pertença do mosteiro fala, ainda, em fontes perenes e fontes de uma e de duas bicas. As fontes de água perene jorram água durante todo o ano, cobrindo todas as necessidades quando as restantes secam em períodos de maior calor. Para de duas ou mais bicas anunciam um caudal de água mais denso. Para as necessidades domésticas as fontes servem também as lavagens de roupa⁴.

As proibições do uso da carne na alimentação obrigam a uma forte ligação com a água, como fonte de subsistência. Água para a agricultura, água para mover moinhos e água para a dedicação intensa à piscicultura. Esta ligação transforma os mosteiros em verdadeiros centros de arquitetura e de construção de grandes sistemas ligados à água. Grandes tanques, canais, chafarizes, levadas e minas que podem ser observadas em qualquer mosteiro. Aqui assenta toda a dinâmica monasterial e reside o suporte da sua economia.

Tendo em consideração que para o mosteiro a água é um bem primordial pois permite o abastecimento, a manutenção de atividades primárias e a sua utilização como fonte energética, pretendeu-se verifi-

p. 451. Sobre os moinhos, suas características e funcionamento técnico, ver GARCÍA TAPIA, N., "Técnica y usos. El papel del agua en la sociedad castellana medieval", en VAL VALDIVIESO, M. I. del y VILLANUEVA ZUBIZARRETA, O. (coords.), *Musulmanes y cristianos frente al agua en las ciudades medievales*, Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2008, pp. 307-330.

⁴ CARDOSO, Luis, *Diccionario geográfico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, lugares, e aldeas, rios, ribeiras, e serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas...*, Lisboa, na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1747-1751, Tomo 1, p. 352.

convive com o homem ao longo da história, duas facetas que o acompanham no bem e no mal.

A água da fonte, da nascente, das chuvas recolhidas em cisternas ou poços, separam o homem da vida ou da morte e para comunidades que viviam isoladas como é o caso dos mosteiros, o fio que separa a subsistência da falta dela, é ainda mais ténue¹.

É como bem precioso, como elemento fundamental à vida que a água se coloca neste estudo. A presença da água nos mosteiros, em especial nos beneditinos, era fundamental, pelo simbolismo batismal e purificador. É também indispensável à vida diária e à produção agrícola. Dentro do mosteiro, as cozinhas, latrinas e fontes espalhavam-se sempre com dupla função, prática e a purificadora. Por outras divisões e espaços a água corria a céu aberto ou encanada.

Várias são as funções da água para um mosteiro². Associada ao valor de fonte da vida suporta as atividades, organiza-as e permite a subsistência da comunidade monástica. Tendo como base da alimentação o peixe e o pão, a primeira preocupação na escolha da instalação e construção do mosteiro prende-se com a proximidade dos cursos de água.

Fundamental à vida nos mosteiros que retiravam sustento do que a natureza poderia oferecer, associada ao trabalho braçal na terra, as descrições dos mosteiros, nomeadamente os de S. Bento, estão sempre associados à água. A regra de S. Bento indicava que o mosteiro se construísse de tal forma que tivesse todos os seus recursos dentro da cerca do mosteiro. Entre os quais a água como fonte de subsistência e força energética que movia moinhos e outros mecanismos³.

¹ O mesmo se pode dizer relativamente às necessidades de locais isolados como fortalezas ou castelos. A existência da água nas fortalezas, em momento de cerco, é vital para quem se encontra sitiado e sem acesso ao exterior. Bem de primeira necessidade para homens e animais, dita a sobrevivência. FREITAS, I. Vaz de, "A água no livro das fortalezas de Duarte D'Armas", en MARTINS, M., FREITAS, I. Vaz de e VAL VALDIVIESO, M. I. del (coords.), *Caminhos da Água: paisagens e usos na longa duração*, CITCEM, 2012, pp. 165-177.

² Conforme detetou Salvador Moita para os mosteiros do Minho, entre as funções da água salientam-se a rega em campos de cultivo, pomares e hortas, a exploração energética que move engenhos, uso doméstico e embelezamento de jardins. Ver MOITA, S. Magalhães, "Política de recursos hídricos nos mosteiros cistercienses no Minho na época do Antigo Regime", en MARTINS, M., FREITAS, I. Vaz de e VAL VALDIVIESO, M. I. del (coords.), *Caminhos da Água: paisagens e usos na longa duração*, CITCEM, 2012, pp. 223-235.

³ CUNHA, J. Alves da, "A multidimensionalidade da arquitetura cisterciense pistas para o estudo e salvaguarda da sua autenticidade", en *Lusitania Sacra*, 2a Série, Tomo 17, 2005.

ISABEL VAZ DE FREITAS — JOÃO PAULO MACHADO DA SILVA

Ao explorar a documentação relativa ao mosteiro de Santo Tirso, na tentativa de compreender as funções da água e da sua importância, surge com particular relevo a levada de Pereiras que tem a sua origem no rio Leça e termina dentro da cerca do mosteiro em grande lago. A principal função desta levada não será o abastecimento económico de consumo doméstico, mas sim a função de instrumento de transformação e suporte à economia do mosteiro de base agrícola e de recurso energético de matérias-primas na qual a água se assume como recurso energético fundamental.

De base para o levantamento e exploração desta levada foram considerados os documentos identificados por Frei Leão de Santo Tomás⁸, António Cruz⁹, Francisco Carvalho Correia¹⁰ e por João Pedro Ribeiro¹¹, que conheceu o arquivo do mosteiro de Santo Tirso e transcreveu alguns dos seus documentos antes destes desaparecerem¹².

Um dos documentos referido pelos autores citados anota a água da levada que parte do lugar do Redondo e de Santa Luzia e é explorada pelo mosteiro de Santo Tirso, seis dias por semana¹³. Duas notas importantes ficam aqui registadas neste documento do século XII. A levada sai do rio Leça em Monte Córdova e segue um percurso sinuoso pela antiga serra. O local foi facilmente identificado na prospeção e ainda hoje é possível encontrar a represa demarcada por um muro regulador que divide as águas e as encaminha para a levada.

A levada segue o seu percurso em terra ou em laje de pedra. Francisco Carvalho Correia¹⁴ dá-nos a conhecer outros documentos datados do século XVI e XVII, que revelam o cano da água de Pereiras, e

8 SANTO TOMÁS, F. Leão, *Benedictina Lusitana*, vol. II, INCM, 1974.
9 CRUZ, A., *Breve estudo dos manuscritos de João Pedro Ribeiro com apêndices de estudos sobre as Ordenações Afonsinas e de documentos do cartório do Mosteiro de Santo Tirso de Riba d'Ave*, 1938.

10 CORREIA, F.C., *O Mosteiro de Santo Tirso, de 978 a 1588. A silhueta de uma entidade projetada no chão de uma história milenar*, Tese de Doutoramento apresentada à USC, 2009, vol I, pp. 287-293.

11 RIBEIRO, J.P., *Observações históricas e críticas para servirem de memória ao sistema da diplomática portuguesa*, Lisboa, 1798.

12 Refere Arnaldo Melo que João Pedro Ribeiro visitou o cartório do mosteiro. Provavelmente se perdeu vítima de um incêndio. No entanto, a obra que João Pedro Ribeiro publicou permite recuperar alguns momentos de relevo na vida do mosteiro. MELO, A. R. de S., "O Couto de Santo Tirso nas cartas de couto de 1097 e 1098: os documentos e as características do espaço Arnaldo Rui Azevedo de Sousa Melo", em *Revista de Guimarães*, n.º 106, 1996, pp. 175-192.

13 CRUZ, A., *Breve estudo dos manuscritos...*, vol I, pp. 287-293.

14 CORREIA, F.C., *O Mosteiro de Santo Tirso...*, vol I, pp. 287-293.

car qual a realidade de um caso em particular (mosteiro de Santo Tirso) e seguir de perto um caudal que a documentação perenizou como um instrumento vital para a economia do mosteiro.

As informações históricas foram confrontadas com os vestígios, ainda hoje existentes, de uma levada que desempenhou um papel fundamental na economia do mosteiro de Santo Tirso, a levada de Pereiras, também conhecida por "Rego dos Frades". A curiosidade moveu a procura, *in loco*, e foi conduzida uma verificação no terreno das informações proporcionadas pela leitura atenta dos documentos. Assim, tendo por base o documento, e as suas referências espaciais, seguiu-se o percurso desde a origem de nascente até ao mosteiro. Pretendeu este levantamento relevar a importância das constantes construções, quer de vias públicas quer de edifícios em particular, que obrigam ao corte dos caminhos da água e à destruição de edifícios agrícolas com histórias e saberes associados.

O mosteiro de S. Bento de Santo Tirso, de instalação datada de 1098⁵, alojado nas proximidades dos rios Ave, Leça e Sanguinhedo e de serranias férteis, entre as quais o Monte Córdova. Conforme refere Arnaldo Melo⁶, a carta de couto tinha uma preocupação bem grande em delimitar as águas, instituindo para o mosteiro um grande domínio sobre as fontes e cursos de grande caudal aqui citados.

tência do mosteiro com os cursos de grande caudal aqui citados. De notar a importância que a água ocupa como responsável pela fixação de núcleos populacionais, neste caso particular os monásticos. Na instalação de cidades, vilas ou outros, bem como no seu crescimento, a água transforma-se num elemento imprescindível ao abastecimento e à comunicação. No entanto, nem sempre os relatos transportam para um panorama agradável em torno do abastecimento local de água. A documentação também revela situações de inundação e estagnadas que transmitem doenças ou situações de inundações e arrasto de edifícios, animais e colheitas⁷.

5 MELO, A. R. de S., "O Couto de Santo Tirso nas cartas de couto de 1097 e 1098: os documentos e as características do espaço Arnaldo Rui Azevedo de Sousa Melo", em *Revista de Guimarães*, n.º 106, 1996, pp. 175-192.

6 Idem.

7 VILLANUEVA ZUBIZARRETA, O. e MARTÍN CEA, J.C., "La cultura del agua en la Castilla Medieval: aspectos inmateriales", em MARTINS, M., FREITAS, I. Vaz de e DEL VAL VALDIVIESO, M. I. (coords.), *Caminhos da Água: paisagens e usos na longa duração*, CITCEM, 2012, pp. 125-141.

ISABEL VAZ DE FREITAS — JOÃO PAULO MACHADO DA SILVA

gerou alguma controvérsia entre juizes e vereadores e o Padre Francisco de Santa Ana. Para evitar que as questões se prolongassem, foram nomeadas comissões que representavam ambas as partes envolvidas. As comissões assentaram que a água que se dirige para o mosteiro de S. Francisco se dividia em partes iguais entre o mosteiro e a cidade em local anexo às casas e cozinha do mosteiro.

A divisão feita em arca de pedra perto da cozinha permitia ao mosteiro um abastecimento direto em cano pelas áreas domésticas²⁰. A divisão entre o mosteiro e a cidade atesta que o caudal enviado para o mosteiro é de significativa importância.

Como em qualquer sistema de divisão de água, a arca em pedra organiza a distribuição e evita perturbações na sua utilização²¹. Distribuída por canos de dimensão proporcional à posse, fecha-se o acesso para evitar ações menos legítimas. As chaves distribuem-se entre os possuidores instituindo o poder e a posse de um bem de grande valor. Para evitar que as partes se tornassem acessíveis por ambas as partes, fazem-se chaves diferentes e acordaram-se as reparações dos canos e arca da água seriam feitas por pessoas ordenadas para tal²². Este texto demonstra grande preocupação com a água enquanto bem a manter e a preservar, enquanto bem precioso fechado “às chaves”.

Entendemos o verdadeiro significado desta levada para o mosteiro quando se verifica que termina a água o seu percurso dentro da cerca do mosteiro em grande lago que ao ser observado com mais cuidado, se descobre num dos lados um descaimento na construção que se destina a verter água de lima, que regava as hortas. Este sistema de engenharia hidráulica criaria uma paisagem idêntica à que se encontra referida noutras descrições de outros mosteiros como a que apresenta João Alves da Cunha²³ da Abadia de Claraval: “quando acaba o

pomar começa o jardim, dividido em muitos canteiros cortados por pequenos canais, onde a água parece parada mas flui lentamente. A água preenche duas funções: alimentação de peixes e irrigação da horta”. A água de lima, de rega constante, que saía do grande lago alimentava suavemente hortas e jardins colocados de forma pensada e desenhada. Dada a extensão do lago, termo da levada de Pereiras, o mosteiro de Santo Tirso teria alguns peixes nesta reta final. Compreende-se, assim, ainda com maior relevo a preocupação pela chegada das águas em excelentes condições e as proibições da instalação de lavadouros.

Ao recolher a informação dos documentos que nos falam sobre a levada de Pereiras, foi possível traçar e identificar todo o percurso, ainda visível e quase na sua totalidade em bom estado. Há na sua localização do Monte Córdova até ao mosteiro uma nítida divisão em três tramos: superior, médio e em terras mais baixas o tramo inferior.

1. Tramo superior

O tramo superior da levada de Pereiras apresenta uma envolvente paisagística e histórica localizada na Encosta Nascente do Monte Padrão e a Poente do Parque de Merendas de Valinhas. Na vertente Este, a levada confronta com o vale do rio Leça. Ao seguir a par e passo a levada desde a nascente até Valinhas, constatou-se uma grande proliferação de moinhos, na sua totalidade vinte e seis engenhos. Aqui os declives são mais acentuados e a corrente mais ativa para movimentar os engenhos hidráulicos. É ainda possível encontrar uma serra hidráulica neste itinerário.

FREGUESIA/LUGAR	EDIFÍCIOS ENCONTRADOS AO LONGO DO PERCURSO	CARACTERIZAÇÃO DA LEVADA DE PEREIRAS
Monte Córdova/Valinhas	4 moinhos	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.
Monte Córdova/ Devesa de Valinhas	10 moinhos 1 serra hidráulica	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.
Monte Córdova/ Rua dos Moinhos	6 moinhos	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.
Monte Córdova/ Rua das Oliveiras	5 moinhos	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.

²⁰ A divisão da água é feita em caixa de pedra que recolhe a água e a envia por canos com dimensões variáveis de acordo com as partes em que se dividem entre os proprietários veja-se para este assunto MARTINS, M. et al., *Água. Um património de Braga*, UALUM-CITCEM, 2012.

²¹ Sobre as questões de distribuição de água veja-se RIVEIRO, M. do C. e MARTINS, M., “Contributo para o abastecimento de água à cidade de Braga na idade Moderna. O livro da cidade de Braga (1737)”, em MARTINS, M., FREITAS, I. Vaz de e VAL VALDIVIESO, M. I. del (coords.), *Caminhos da Água: paisagens e usos na Longa duração*, CITCEM, 2012. Ver também MARTINS, M. et al., *Água. Um património...*

²² *Escola de penitencia...*, tomo I, pp. 438-441.

²³ CUNHA, J. Alves da, “A multidisciplinaridade da arquitetura cisterciense pistas para o estudo e salvaguarda da sua autenticidade”, em *Lusitania Sacra*, 2a Série, Tomo 17, 2005, p. 453.

3. *Tramo inferior*

No tramo inferior encontramos dez moinhos. Na freguesia de Sta. Cristina encontram-se dois moinhos e uma serra hidráulica que também funcionava como moinho quando era necessário, na freguesia de Santo Tirso foram localizados moinhos. Curiosamente, na freguesia de Santa Cristina, apesar de terrenos muito férteis tem poucos vestígios de moinhos. O principal motivo da sua inexistência deve prender-se com a linha hidrográfica mais plana e, portanto, uma corrente menos intensa para mover as mós. Outra hipótese que se coloca relaciona-se com a possível deslocação dos moinhos de Santa Cristina para outros cursos de água, nomeadamente para o rio Sanguineo que corre nas proximidades e com caudal mais intenso.

Continua a levada por zonas de terra a céu aberto, atravessando áreas agrícolas. Por este motivo, seriam as águas aproveitadas para rega e não para o consumo do mosteiro que exigia maior salubridade nas águas.

FREGUESIA/LUGAR	EDIFÍCIOS ENCONTRADOS AO LONGO DO PERCURSO	CARACTERIZAÇÃO DA LEVADA DE PEREIRAS
Santa Cristina de Couto / Merouços	2 moinhos 1 serra hidráulica	Grande parte em céu aberto, ainda em terra. Quando passa em áreas construídas, as margens são emparedadas com parede em xisto, pedra dominante na zona.
Santo Tirso / Gesteira	2 moinhos	Grande parte em céu aberto, em terra.
Santo Tirso / Lugar das Rás	3 moinhos	Céu aberto, leito emparedado ou encanado subterrâneo.
Santo Tirso / Travessa dos Moinhos	2 moinhos	Céu aberto, leito emparedado.
Mosteiro		Lago com água de lima.

Hoje muitos destes engenhos encontram-se descaracterizados, tendo sido adaptados para habitação, enquanto outros, abandonados, entraram em estado de degradação e ruínas ou, encontram-se completamente destruídos. Torna-se necessário sensibilizar as entidades

A localização de elevado número de moinhos evidencia uma predominância da cultura cerealífera nas freguesias de Monte Córdova.

De notar que a toponímia local por onde passa esta levada faz alusão aos moinhos, facto que demonstra a importância dos engenhos da água na caracterização do território e na orientação da população.

A levada corre a céu aberto com leito em terra, e margens baixas, facto que acontece na maior parte do percurso e que facilitaria os desvios de que se queixa o mosteiro. Com facilidade o agricultor abria uma passagem numa regada que corria a céu aberto em leito de terra de pouca altura.

2. *Tramo médio*

Descendo o Monte Córdova em direção a Santo Tirso deparamo-nos com um itinerário onde se podem ainda identificar catorze moinhos e uma serra hidráulica.

A presença de serras hidráulicas por estes locais anuncia uma exploração da floresta, com especial relevo para o carvalho, árvore predominante nas serranias envolventes.

As referências à água continuam na toponímia local, como se pode verificar pelo nome do lugar de Azenhas da Regadia. Local que anota também a produção agrícola e o regadio. A levada segue ainda a céu aberto, em leito de terra, e as margens continuam com pouca altura. Traçado comum em terras de cultivo. Se por um lado o leito em terra de margens baixas permitia o fácil desvio da água, por outro lado permitia a fácil exploração pelos caseiros que as arrendavam.

FREGUESIA/LUGAR	EDIFÍCIOS ENCONTRADOS AO LONGO DO PERCURSO	CARACTERIZAÇÃO DA LEVADA DE PEREIRAS
Monte Córdova / Azenhas da Regadia	7 moinhos	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.
Monte Córdova / Rua das Bouçainhas	3 moinhos 1 serra hidráulica (vestígios)	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.
Santiago da Carreira / Rua da Ponte Nova	4 moinhos	Céu aberto. Leito em terra, com margens de pouca de altura.

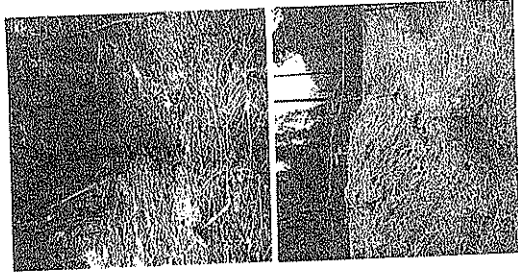
ISABEL VAZ DE FREITAS — JOÃO PAULO MACHADO DA SILVA

locais e os proprietários dos engenhos para a necessidade da salvaguarda do valor patrimonial da água em terras dos monges de Santo Tirso. Mais grave, será o corte do traçado da levada por construções habitacionais e de estradas. Terra fértil em água os cortes de cursos tão caudalosos como este, trarão, com toda a certeza, algumas questões de ordem hidrográfica do território.

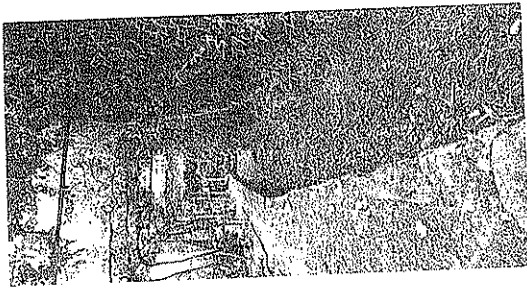
Acreditamos que é importante encontrar formas de preservar, quer a levada de Pereiras, quer os moinhos e azenhas, uma vez que são elementos importantes do património histórico e cultural do concelho de Santo Tirso.

Recuperar o património significa, não apenas preservar a memória de um povo, mas também a manutenção dos traços arquitetónicos específicos de um determinado local e, ainda, das técnicas construídas.

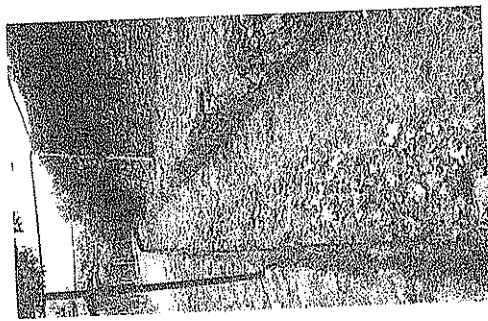
A imagem de uma cidade, vila, aldeia, ou de um pequeno povoado é constituída pelo conjunto de pequenas e grandes singularidades que criam a expressão de um todo. A morfologia do tecido rural e urbano, a arquitetura dos seus espaços exteriores e dos seus edifícios, o tipo de paisagem deve ser compreendidos e conservados.



Levada em céu aberto em Dinis — Santo Tirso



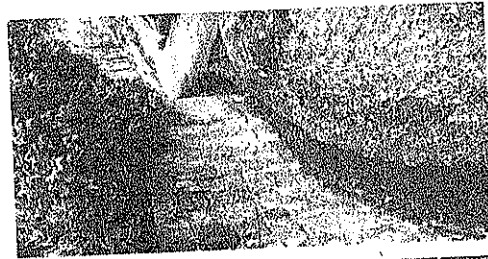
Cano em pedra em Santa Cristina do Couto



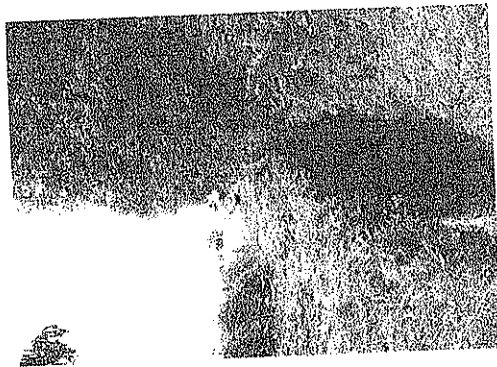
Cano em pedra em Santa Cristina do Couto



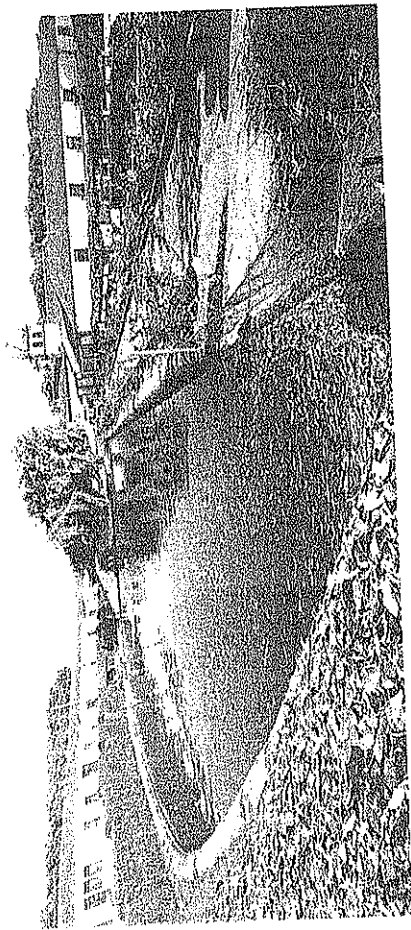
Levada em céu aberto em Monte Córdova 1



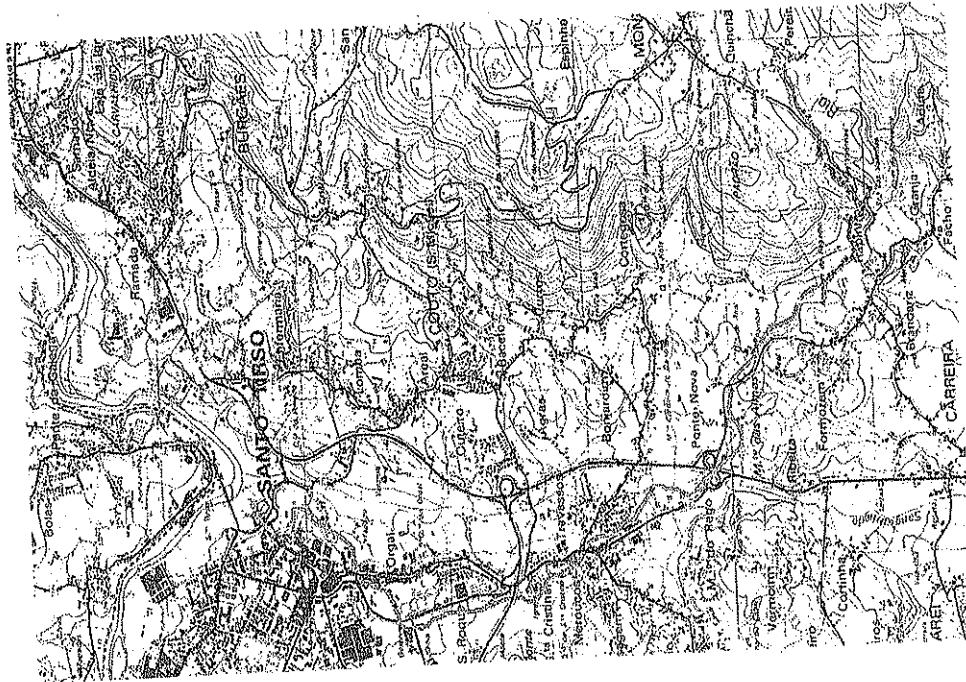
Cano em pedra em Monte Córdova 2



Levada em céu aberto em Merouços — Santa Cristina do Couto



Lago no interior do mosteiro de Santo Tirso



Mapa nº 2. Percurso da levada das Pereiras

EL APROVECHAMIENTO DEL AGUA EN EL MONASTERIO DE SAN PELAYO DE CERRATO. CONTEXTO HISTÓRICO Y APROXIMACIÓN A PARTIR DE LOS REFERENTES ARQUEOLÓGICOS

Manuel MORATINOS GARCÍA
Ángel L. PALOMINO LÁZARO
ARATIKOS ARQUEÓLOGOS. Gabinete Arqueológico
y Estudios sobre Patrimonio Histórico S.L.

El monasterio de San Pelayo de Cerrato se localiza en el municipio de Cevico Navero, en plena comarca del Cerrato palentino. Se levanta aprovechando una extensa plataforma estructural, de perfil ligeramente aterrazado, que se desarrolla en la zona media de la ladera meridional de la paramera que delimita el valle del arroyo Maderón o Maderano, subsidiario del río Cerrato. En este sector el cauce del arroyo sigue una marcada dirección este/oeste, produciendo un profundo valle que se va estrechando progresivamente a medida que remonta su curso, dando lugar a unas vertientes de pendientes pronunciadas que dan paso, sin solución de continuidad, a una estrecha vega de perfil llano. La secuencia geológica remata en la parte culminante de la paramera con un potente paquete de calizas pontienses, por debajo de las cuales se suceden diferentes depósitos de sedimentos detríticos —margas y arcillas de origen vindovoniense¹—, aflorando en la zona ocupada por el monasterio un nivel de tobas de considerable desarrollo.

¹ CENAL, M^a A.; GARCÍA, G.; BLANCO, A. y BERMEJO, M^a A. (reds.), *Análisis del medio físico de Palencia. Delimitación de unidades y estructura territorial*, Valladolid, 1988, pp. 39-40.

Monasterios y recursos hídricos en la Edad Media (2013), M^a Isabel del Val Valdivieso (coord.), Madrid, A.C. Almudayna, ISBN 978-84-87090-68-4, 163 pp.